Dia 19 — Santa Isabel, Rainha da Hungria, Viúva

Martirológio Romano

A ditosa morte de Santa Isabel, viúva, filha de André, rei da Hungria, da terceira Ordem de São Francisco, em Marburgo, na Alemanha; a qual, exercitada continuamente em obras de piedade e esclarecida em milagres, morreu no Senhor. (Veja-se sua história hoje.)

O martírio de São Ponciano, papa e mártir, no mesmo dia; o qual, por mandado do imperador Alexandre, foi desterrado à Sardenha juntamente com o presbítero Hipólito: e ali, açoitado com feixes de varas até expirar, alcançou a coroa do martírio. O papa Fabiano fez trasladar seu corpo a Roma e o depositou no cemitério de Calisto. (Já se disse em outra ocasião que, se bem é verdade que sob o império de Alexandre foi favorecido pela corte o culto cristão e não perseguido, contudo muitos magistrados, sendo inimigos terríveis do Cristianismo, faziam todo o dano que podiam aos fiéis sem o saber o Imperador, ainda que obravam em seu nome. «O Calendário Liberiano diz que São Ponciano ocupou a cátedra cinco anos desde a morte de São Urbano I, no ano 230, gozando então a Igreja da paz que lhe concedeu Alexandre Severo. Mas Maximino, que se abriu a porta ao trono com o assassinato do imperador Alexandre, em maio do ano 235, principiou seu reinado levantando uma cruel perseguição. E este bárbaro foi, ao que parece, e não Alexandre, o que desterrou São Ponciano à ilha da Sardenha, onde morreu no mesmo ano, se não ao rigor do cutelo, ao furor ao menos das incomodidades e penas de seu desterro.» Butler.)

Santo Abdias, profeta, em Samaria. (Abdias, que se interpreta servo de Deus, não se sabe precisamente em que tempo profetizou. Os hebreus em seu cânon põem em quarto lugar sua profecia, pelo que muitos são de sentir que viveu no reinado de Ozias. São Jerônimo diz que este é o mesmo que alimentou os cem profetas que se haviam ocultado em cavernas para livrar-se do furor de Jezabel; e, se isto é assim, floresceu no reinado de Acab e muito antes que Ozias. O mesmo São Jerônimo faz menção do sepulcro deste Profeta, dizendo que em seu tempo era venerado em Sebaste juntamente com o de Eliseu e com o de São João Batista e que Deus o honrava com frequentes e insignes milagres. Sua profecia contém só um capítulo, e usa dela a Igreja católica nas lições das matinas da feira sexta do domingo quarto de novembro. É outro dos profetas menores e tem o quarto lugar. Scio.)

Santo Máximo, presbítero e mártir, em Roma, na via Ápia; o qual padeceu e morreu durante a perseguição de Valeriano e foi sepultado na igreja de São Sisto.

São Barlaão, mártir, em Cesareia da Capadócia; o qual, ainda que rústico e ignorante, fortificado com a sabedoria de Cristo venceu o tirano e com a constância da fé venceu também o mesmo fogo: São Basílio pregou um excelente panegírico no dia de sua festividade.

São Crispim (ou Crispino), bispo, na cidade de Écija; o qual, sendo degolado, alcançou a glória do martírio. (Este santo Bispo governou aquela santa igreja e apascentou seus súditos com a santa doutrina de Jesus Cristo. Foi preso pelos gentios; e, como se negasse inteiramente a dar culto aos ídolos, provada sua constância com fome, sede e fogo, alcançou enfim a palma de mártir tal dia como hoje, imperando Diocleciano.)

Os santos mártires Severino, Exupério e Feliciano, em Viena, na França; cujos corpos ao cabo de muitos anos foram achados por revelação dos mesmos Santos, e o bispo, clero e povo daquela cidade os recolheram e depositaram com grande pompa em lugar mais digno.

São Fausto, diácono de Alexandria, no mesmo dia; o qual primeiro, na perseguição de Valeriano, foi desterrado junto com São Dionísio e depois, na perseguição de Diocleciano, sendo já muito ancião, foi degolado e assim alcançou a coroa do martírio.

O martírio dos santos Aza e seus cento e cinquenta companheiros isaurianos, em Isáuria, no tempo do imperador Diocleciano, pelo tribuno Aquilino. (Era Aza um solitário de Isáuria. Sendo delatado ao tribuno Aquilino, mandou este prendê-lo e, depois de tê-lo interrogado, mandou que, atado pelos cabelos, o pendurassem de uma árvore e lhe arassem o corpo com ferros dentados. Logo o meteram num forno aceso, do qual saiu sem lesão. À vista do milagre converteram-se a Jesus Cristo a mulher e uma filha do tribuno e também soldados que haviam presenciado o tormento; e todos juntos, em número de cento e cinquenta, acabaram com Aza a vida, sendo degolados pelos anos de 304.)

Santa Isabel, Rainha da Hungria, Viúva

Santa Isabel, filha de André II, rei da Hungria, e de Gertrudes, filha do duque da Caríntia, foi uma princesa segundo o coração de Deus. Desde sua mais terna idade foi prometida para esposa ao landgrave da Turíngia, a cuja corte a levaram quando cumpriu os quatro anos, e nela se criou em companhia da princesa Inês, irmã do Príncipe, seu futuro marido. Preveniu-a o Senhor com as bênçãos de sua doçura; e, em meio de sua meninice, conhecendo a majestade deste grande Deus, prostrava-se penetrada de respeito em sua divina presença, como o acredita o sucesso seguinte: criando-se em companhia da princesa Inês, punha-se sempre o maior cuidado em que as duas Princesas andassem uniformemente vestidas: iguais galas, iguais joias e em tudo iguais insígnias. Quando iam à igreja punham-lhes na cabeça umas coroas de ouro, cobertas de preciosa pedraria, e as acompanhava Sofia, mãe do landgrave da Turíngia. Mas logo que entravam no templo, Isabel tirava a coroa; e, como a repreendessem por isso, respondeu a santa menina: «Não permita Deus

que eu tenha valor para pôr-me com uma rica coroa sobre a cabeça na presença de um Deus coroado de espinhos e encravado numa cruz por meu amor.» Uma terna Princesa, na flor de sua idade, com todas as insígnias da soberania e numa corte tão brilhante, empapada em máximas tão cristãs, arrebatou muito desde logo para si a admiração universal. Não se falava de outra coisa que de suas raras virtudes. Enfeitiçava toda a corte sua modéstia, sua sensatez e sua terna devoção. Confiou Deus este precioso tesouro ao landgrave da Turíngia. Casou-se com ela logo que entrou nos catorze anos; mas nem por isso se dividiu o coração da Princesa. Com o mesmo amor com que amava a Deus amava a seu marido. Cada dia crescia sua piedade, porque cada dia descobria mais e mais quanto dependia de Deus. Em certo dia muito solene saiu de seu palácio, acompanhada de uma corte tão numerosa como brilhante, soberbamente vestida e a coroa na cabeça. Rodeada com todo o esplendor de tanta magnificência, entrou na igreja, e o primeiro objeto que se lhe apresentou à vista foi a imagem de um devoto Crucifixo, reduzido por seu amor à nudez da cruz. Movido seu terno coração à vista de tão doloroso objeto, inclinou para ele com profunda veneração sua coroada cabeça; e, sendo seus olhos intérpretes fiéis de seus interiores afetos, desataram-se em lágrimas e, repreendendo-se a si mesma a devotíssima Princesa, dizia: «Vendo estou aqui a meu Criador, a meu Redentor e a meu Deus: ele expira num infame madeiro, revestido unicamente da afrontosa ignomínia do Calvário; e eu, miserável de mim, tenho alento para apresentar-me em seu templo revestida de púrpura e coberta de pedraria? Uma coroa de penetrantes espinhos ensanguenta cruelmente sua divina, sua delicada cabeça; e a minha brilha com o resplendor do ouro? Abandonando-o seus discípulos, fartando-o de opróbrio os judeus; e a mim todos se apressam solícitos por honrar-me, todos me respeitam e me vejo rodeada de uma numerosa corte? É este o profundo respeito com que devo venerar a meu grande Deus? É este o agradecimento de que por tantos títulos lhe sou devedora? É este o amor com que correspondo a seu amor?»

Assim se desafogava Isabel, quando a dor se exaltou até sufocar-lhe a voz: mudou-se-lhe a cor, ficou pálida, pasmou, desfaleceu. Desmaiou Ester à vista do aparato majestoso do trono; e fica Isabel sem sentido à vista da majestade de um Deus em cuja presença se aniquila. Levava debaixo de seus magníficos vestidos um áspero cilício. Mas quem poderá explicar dignamente sua caridade com os pobres! Toda miséria enternecia seu coração, e seu coração enternecido desterrava com pronto socorro toda miséria. Como Deus é a misericórdia mesma e nunca se deixa vencer em ponto de liberalidade, manifestava com prodígios quão agradável lhe era a caridade de Isabel. Haviam de comer em público os Landgraves um dia de cerimônia: já estavam esperando Isabel para sentar-se à mesa, e a Santa ia com alguma pressa para que o Landgrave não aguardasse tanto por ela, quando ouviu a um pobre que lhe pedia esmola. Não tinha que dar-lhe então e lhe disse que tivesse um pouco de paciência, que muito logo lha enviaria; mas o pobre, que não entendia de razões, voltou a instar que não passasse adiante sem socorrer a um miserável. Não pôde resistir-se a estas palavras seu caritativo coração: parou e, movida de compaixão, mandou que dessem àquele pobre seu mesmo manto, que não era de pouco preço. Recebeu-o o pobre e saiu-se ao instante do palácio. Um cortesão que foi testemunha daquela ação caritativa adiantou-se para referi-la ao Landgrave; este saiu ao encontro de Isabel e lhe disse: «Pois, senhora, que fizestes de vosso manto?» — «Ali está pendurado», respondeu a Santa. Com efeito, aproximou-se o Príncipe do sítio que assinalava a Princesa; e viu o manto, tocou-o e achou ser o mesmo que havia dado ao pobre. Assim autorizava Deus com milagres a caridade de Isabel. Movida desta mesma extraordinária caridade, resistia-se a vestir galas por poupar com que socorrer mais abundantemente os pobres. Em certa importante ocasião obrou Deus também outro prodígio para

que não ficasse envergonhada de que a vissem num humilde traje menos correspondente a sua grandeza. Enviava o rei da Hungria uma solene embaixada ao Landgrave, seu marido; e, como este não a visse com toda aquela magnificência que correspondia à celebridade da embaixada, disse-lhe, não sem algum desabrimento: «Senhora, estou corrido de que não estejais vestida como era razão para receber os embaixadores de tão grande rei.» — «Perdei, senhor, cuidado (respondeu-lhe a Santa); já sabeis que nunca desejei agradar com meus vestidos aos olhos dos homens, temendo desagradar aos de Deus.» Depois que os embaixadores expuseram sua comissão ao Landgrave, desejaram beijar a mão à Princesa. Admitiu-os a sua audiência; e logo que se deixou ver a Santa, aquele Senhor que está vestido de glória, cercado de magnificência e todo coberto de luz derramou subitamente sobre a Princesa um esplendor tão extraordinário que os embaixadores ficaram assombrados. Embargadas as palavras com o pasmo, com a admiração e com o respeito, só puderam dizer que não criam houvesse em todo o universo princesa mais virtuosa nem de maior mérito.

Sabendo muito bem que a ociosidade é a coisa mais oposta à verdadeira virtude e devoção, empregava no lavor todo o tempo que lhe sobrava de seus exercícios espirituais e obras de misericórdia em que se ocupava. Era verdadeiro retrato de Isabel o que faz o Espírito Santo da mulher forte na sagrada Escritura: humilde sem afetação, modesta sem artifício, vestida como correspondia a sua elevação, mas sem profanidade; inspirava em todos veneração à virtude, fazendo-a amável sua apacibilidade e sua modéstia. Admirava e enfeitiçava a todos o agrado com que recebia e com que tratava a todo o mundo. Uma de suas principais atenções era o viver bem com o esposo que o céu lhe havia concedido, cuidando de fomentar a paz e a virtude em sua família. Nem era a menor de suas prendas a vigilância sobre todas as pessoas de sua corte e a exatidão em pagar o soldo aos que estavam em seu serviço, dando-lhes socorros e ajudas de custo extraordinárias em suas urgências e necessidades; de modo que em seu palácio todos a olhavam como mãe.

Não consistia o lavor de suas mãos em obras de ouro e seda para empregá-las na vaidade: trabalhava com suas damas em cardar e em fiar lã, de que fazia fabricar pano para vestir os pobres e os religiosos de São Francisco; mas o lavor mais ordinário e o que era mais de seu gosto era remendar os vestidos dos pobres e lavar por suas mãos a roupa dos altares. Sobretudo sua heroica caridade triunfava nos hospitais, envergonhando, por assim dizer, com ela e com seu fervor as pessoas mais fervorosas e mais caritativas. Não parecia possível caridade mais heroica, mais verdadeiramente real nem mais cristã que a de nossa Isabel.

O ano de 1225 afligiu a toda a Alemanha uma cruel fome; e, aproveitando a ocasião de achar-se ausente o Landgrave, mandou repartir entre os pobres da Turíngia e de Hesse todo o trigo que se havia recolhido em seus Estados. E, para que os pobres não tivessem o trabalho de subir ao castelo de Marburgo, edificado sobre um penhasco elevado e escarpado, mandou fabricar um hospital muito capaz à falda do penhasco, e todos os dias a Santa descia a ele a pé muitas vezes para atender pessoalmente a todas as suas necessidades. A uns fazia as camas, a outros lhes temperava por suas mãos a comida e a todos servia com tanto zelo, com tanto amor e com tanta solicitude que desde então começaram a chamá-la a mãe dos pobres. A sua vista se mantinham todos os dias novecentos, sem os demais que por sua ordem se sustentavam em seus Estados.

Logo que o Landgrave se restituiu de sua viagem à Apúlia, acudiram a ele seus tesoureiros e lhe deram grandes queixas dos excessos e da profusão em esmolas da Princesa sua mulher. O Landgrave, a quem os exemplos desta haviam feito um dos príncipes mais cristãos do mundo, respondeu-lhes: «Não se perdeu nenhuma de minhas praças? Pois estou muito contente e não menos seguro de que nada me faltará enquanto minha esposa a Princesa tiver liberdade para dar aos pobres o que quiser»: máximas muito dignas de tão grande Príncipe, a quem com razão se apelidava Luís o Pio. Movido desta mesma generosa e sólida virtude, tomou a cruz na Cruzada que o Papa mandou pregar contra os infiéis para o recobro da Terra Santa. Só o motivo da Religião pôde fazer suportável ao Príncipe e à Princesa uma separação tão dolorosa; mas este não foi mais que um prelúdio dos sacrifícios que queria o Senhor lhe fizesse nossa Santa.

Apenas chegou o Landgrave a Otranto, na Calábria, quando caiu mortalmente enfermo e morreu naquela cidade no dia 11 de setembro do ano 1227. A notícia desta morte foi uma das mais terríveis provas que a Princesa teve que sofrer. Logo que tributou os últimos fúnebres obséquios à terna memória de seu defunto marido, despojou-se de todos os seus ornamentos e vestiu-se de lã como uma mulher humilde e particular. Desprendida já do que mais amava na terra, tardou muito pouco em desembaraçar-se de tudo o que possuía nela. A instância dos grandes tomou o governo dos Estados o jovem Henrique, irmão do Landgrave defunto. Fez-se causa à Princesa como dissipadora em esmolas das rendas do Estado. Despojou-se-a de todos os seus bens, arrojou-se-a ignominiosamente do palácio, sem família, sem criados e sem trem, reduzida a pedir esmola. Não houve quem a quisesse recolher em sua casa por medo ao novo Governo. Passava todo o dia na igreja e de noite se refugiava num estábulo meio derrubado onde costumavam abrigar-se os mendigos, sustentando-se com uns restos de pão que lhe davam por caridade ocultamente e às escondidas. Em tão universal abandono e em tão lastimoso estado saía-lhe ao semblante a interior alegria do coração, apesar de um tratamento tão indigno. Desde a primeira noite de sua desgraça e logo que amanheceu o dia seguinte foi-se à igreja dos religiosos Franciscanos e mandou cantar nela o *Te Deum* em ação de graças. Imediatamente depois fez voto de perpétua castidade, juntamente com duas damas suas de honra que nunca a quiseram abandonar, tendo a Santa então somente vinte anos. Não é fácil explicar quanto teve que padecer dos parentes do Landgrave, seu marido, dos grandes do país e até de seus mais ínfimos vassalos; permitindo-o assim Deus para que resplandecesse mais sua eminente santidade e para deixar ao mundo o exemplo mais ilustre da paciência cristã. Movido de compaixão um santo sacerdote, vendo que de todas as partes a arrojavam, até dos hospitais que ela mesma havia fundado, quis recolhê-la em sua casa; mas, não bem havia entrado nela, quando a fizeram sair com atropelo e com violência. Desta maneira a filha de um grande Rei, a mulher de um dos príncipes mais poderosos da Alemanha, a mãe do herdeiro de todos aqueles grandes Estados e a mãe de todos os pobres viu-se reduzida à última necessidade, à mais abatida e mais lastimosa miséria.

Mas um estado de tanta humilhação e de tanto abatimento não foi capaz de turbar sua tranquilidade e sua alegria nem de alterar um ponto aquela constante dulcíssima mansidão. Tendo-a reconciliado com Henrique, seu tio o bispo de Bamberg, fez que se lhe entregasse seu dote. Não bem o recebeu quando o repartiu entre os pobres; e, querendo consagrar-se a Deus mais perfeitamente, tomou o hábito da terceira Ordem de São Francisco, sendo depois seu mais ilustre ornamento.

Não contente com padecer tudo o que podia ser mais repugnante ao amor-próprio, o mais duro, o mais forte, o mais insuportável a seu berço, a sua elevação, a seu estado e a seus floridos anos, acrescentou às antigas penitências outras novas que tocavam a raia de excessivas. Era todo o seu sustento umas ervas ou legumes cozidos em água, sem outro tempero nem molho, e uns restos de pão duro. Seu vestido de lã grosseira sem tingir e de vil preço; quando se rompia ou estava muito usado, remendava-o com os mais humildes trapos que lhe vinham à mão; e, tendo dado aos pobres tudo quanto tinha, fiava lã para ganhar de comer. Fez fabricar-se em Marburgo uma choça de terra coberta de tábuas tão mal unidas que não eram capazes de defendê-la contra o rigor dos temporais. No meio destas voluntárias penitências servia-lhe de grande consolo ter em sua companhia suas queridas Isentrudes e Guta, mais amantes e mais fiéis a sua senhora em tempo de sua desgraça que no de seu maior esplendor. Também lhe pediu Deus este sacrifício: custou-lhe muito; mas o consagrou logo que seu diretor, homem interior e espiritual, lhe deu a entender que aquele apego era algum estorvo à perfeição.

Não podia deixar de ser muito poderosa com Deus uma virtude tão eminente. Viu em sonhos uma noite o triste estado em que se achava a Rainha, sua defunta mãe: levantou-se da cama e pôs-se em oração, pedindo ao Senhor pelo descanso de sua alma. Voltou a deitar-se e em outro segundo sonho lhe apareceu a defunta Rainha e lhe deu graças por tê-la livrado das penas que padecia, assegurando-lhe que suas orações eram sumamente agradáveis aos olhos de Deus. Veio visitá-la um cavaleiro jovem, chamado Bertoldo, de vida muito estragada; e ficou tão compungido à vista da modéstia e da virtude da Princesa que lhe rogou que o encomendasse a Deus pedindo-lhe sua conversão. «Se falas deveras e com sinceridade (replicou-lhe a Santa), façamos oração os dois.» Logo que o jovem se pôs em oração com a Princesa, sentiu-se inteiramente mudado e seu coração tão penetrado de uma vivíssima dor por suas desordens passadas que começou a exclamar: «Basta, senhora, basta: ouvidas foram do Senhor vossas orações»; e, despedindo-se de Isabel, tomou o hábito de São Francisco, passando o resto de seus dias em pobreza, em oração e penitência.

Morta Isabel inteiramente ao mundo, só vivia no amor de seu Deus, a quem jamais perdia de vista. Era sua vida uma contínua oração, e sua oração uma contemplação elevada. A ternura e a confiança na santíssima Virgem era a devoção de seu carinho, não acertando a falar desta Senhora senão arrebatada de gozo e como extática de amor. Quis, enfim, premiar o céu quanto antes uma virtude tão extraordinária; e, tendo-lhe aparecido Jesus Cristo, convidou-a à estância feliz dos bem-aventurados. Noticiosa do dia de sua morte, preparou-se para ela com renovação visível de seu acostumado fervor; e, ainda que a enfermidade que sentia não era grave ao parecer, quis receber os santos Sacramentos, o que fez com tão terna, com tão fervorosa devoção que encheu de admiração a todos os circunstantes. As conversações que teve depois eram todas da maior edificação, todas vivas e eficazes, dirigidas a ponderar as vantajosas doçuras que se experimentam no amor de Deus e a desprezível vaidade das grandezas humanas. Três dias antes de sua morte pediu que a ninguém se deixasse entrar em seu quarto senão precisamente aos que podiam ajudá-la a bem morrer. Enfim, no dia 19 de novembro do ano 1231 entregou docemente o espírito nas mãos de seu Criador aos vinte e quatro anos de sua idade, sendo os quatro últimos de sua vida uma cadeia contínua de durísimas tribulações.

Quatro dias esteve exposto o cadáver pelo imenso concurso de gentes que acudiu de todas as partes a venerá-lo com ansiosa devoção. Enterrou-se depois com grande solenidade na capela imediata ao hospital de Marburgo que a mesma Santa havia edificado, manifestando Deus depois de sua morte a santidade de sua fidelíssima serva com multidão numerosa de milagres. Contam-se dezesseis mortos ressuscitados sem uma infinidade de enfermos desenganados que cobraram a saúde por sua poderosa intercessão; tanto que o papa Gregório IX, muito informado já da heroica santidade da Princesa desde o primeiro ano de seu pontificado, quatro anos depois de sua morte a canonizou e pôs no catálogo dos Santos com solenidade verdadeiramente extraordinária.

No ano seguinte, que foi o de 1236, o santo corpo foi elevado da terra pelo arcebispo de Mogúncia e exposto à pública veneração dos fiéis, assistindo a esta cerimônia o imperador Frederico II, o qual levantou o primeiro por suas imperiais mãos a laje da sepultura e pôs ao cadáver uma coroa de ouro na cabeça. Acharam-se presentes a esta devotíssima função o jovem landgrave Hermano, filho da Santa, e as princesas Sofia e Gertrudes, irmãs do Landgrave e também filhas da mesma Isabel. O concurso de prelados e de príncipes do império e do outro gentio que acudiu a esta solene trasladação do santo corpo foi tão grande que se assegura passava de duzentas mil pessoas. Estendeu-se por toda a cidade a suavíssima fragrância que exalou sua sepultura, e foram encerradas as preciosas relíquias numa rica urna que se colocou no altar do hospital. Parte delas se trasladaram depois à igreja dos Carmelitas de Bruxelas; e parte à magnífica capela de La Roche-Guyon sobre o rio Sena.

O Patrocínio de Nossa Senhora, que a Igreja celebra no III Domingo de Novembro

Entre quantas festividades celebra nossa mãe a Igreja, sempre solícita em propor a seus filhos objetos de edificação e de consolo, apenas há uma que preencha tão completamente estas intenções como a presente festividade do patrocínio de Maria. Todos os homens conhecem e confessam praticamente sua debilidade e miséria quando com tanto esmero buscam neste mundo multiplicados apoios e remédios para suas necessidades respectivas. Assim vemos que o pobre procura granjear-se a amizade do rico, o ignorante se gloria com a companhia do sábio e o desvalido procura por todos os meios a proteção e amparo do poderoso. Por mais que a soberba pretenda deslumbrar os olhos do entendimento com os falsos brilhos da vaidade, é tão visível a fraqueza humana que nem pode ocultar-se nem deixar de publicá-la o temor. Quanta satisfação, pois, não deverá encontrar nosso coração quando uma mãe tão amorosa e solícita do bem de seus filhos como nossa mãe a Igreja nos propõe um patrocínio tão poderoso, tão eficaz, tão pronto e universal como o de Maria! Isto que é verdade a respeito de todas as necessidades, tanto naturais como sobrenaturais, recebe um novo realce aplicando-o privativamente às necessidades mais interessantes e que mais dificultosamente podem encontrar socorro no humano, que são as

necessidades do espírito. Todos sabemos por testemunho de Deus nas divinas Escrituras, confirmado depois por uma triste experiência, que nascemos filhos de ira e de vingança, vasos de abominação e de desprezo, inimigos declarados de Deus e partidários do demônio. Dentro de nós mesmos temos as sementes de todos os males e uma infeliz disposição para contradizer todos os bens. Nossa alma debilitada em suas potências; o entendimento ofuscado com a ignorância; a vontade torcida sempre para o proibido; a memória cheia de objetos de escândalo. Os movimentos mesmos da natureza, que por seu puro mecanismo deveriam ficar na classe de inocentes, chegam a fazer-se enfermiços e perigosos por força do desconcerto e turbação que causou neles o primeiro pecado. Não somos capazes, como diz São Paulo, de produzir por nós mesmos um só bom pensamento. Neste estado de miséria, de necessidade e desventura, que poderia apetecer o homem com mais ânsia que uma proteção tão poderosa que lhe pudesse dar socorro contra sua mesma miséria e auxiliá-lo contra seus poderosos inimigos? A que mais poderiam estender-se suas esperanças que a lograr a proteção de um grande personagem que, ou por sua virtude, ou por sua sabedoria, ou por sua íntima conexão com nosso Deus e Senhor, tivesse em suas mãos o amparálo em sua desventura?

Eis aqui o objeto da festividade presente, eis aqui o fim que teve a santa mãe Igreja na instituição dela e eis aqui o motivo de maior consolação para os Cristãos, tanto nos casos favoráveis como nos adversos. Não se pode duvidar que, depois que nosso Redentor Jesus Cristo subiu aos céus e está sentado à destra de seu Pai, temos nele um advogado e um protetor que está sempre intercedendo por nós. Sua proteção deve ser tanto mais eficaz e poderosa que todas as demais quanto seus merecimentos são maiores infinitamente; mas isto não tira a intercessão dos Santos nem da Rainha de todos eles, Maria santíssima, no que se deixa ver a grande misericórdia de Deus e a generosidade com que se porta com os homens. Por isso diz São Bernardo (*Serm. 2 de Assump.*): «Que Maria é nossa mediadora: é aquela por quem receberemos a misericórdia de Deus e a mesma por quem recebemos em nossas moradas o mesmo Jesus Cristo.» Já no Testamento Antigo se nos haviam anunciado todas estas venturas em figuras misteriosas, que eram outros tantos símbolos do patrocínio de Maria. Porque naquela vara com que Moisés executou tantos prodígios e maravilhas, confundindo os magos do Egito e obrigando o protervo Faraó a romper as cadeias da servidão em que tinha o povo de Deus, quem não adverte uma misteriosa figura de Maria, na qual, como canta a Igreja, como numa vara limpa e direita não coube jamais nem o nó do pecado original nem a casca de outra qualquer culpa? Quem não adverte que naqueles portentos se figuravam os que Maria havia de fazer em benefício de seus devotos, já vencendo os sábios, em que se dão a entender o mundo e suas concupiscências, e já confundindo o Faraó, que, por sua obstinação no mal e seus depravados intentos, é a figura mais expressiva do inimigo comum do gênero humano? O mesmo se adverte naquela coluna de nuvem que precedia o povo de Deus no deserto, servindo-lhe de luz nas trevas da noite e de reparo contra os ardores do sol pelo dia. Mas entre todas as figuras nenhuma expressa melhor a natureza e santidade de Maria e a virtude de seu patrocínio que a arca do Testamento. Numa e outra se depositou o código da Lei e o maná que choveu do céu; mas com a diferença de que nas entranhas da arca misteriosa Maria se depositou a Lei mesma por essência, o direito divino e imutável de sua própria subsistência, e o divino maná, a comida dos Anjos, o pão do céu, isto é, o Verbo divino unido a nossa mortalidade. O povo de Israel levava a arca do Testamento em suas expedições de guerra: com sua vista cobravam esforço os soldados: por seu meio conseguiam triunfos maravilhosos de seus inimigos, e estes ficavam prostrados de terror.

Se se houvessem de referir os sucessos que provam a analogia que há nesta matéria entre a Mãe de Deus e a arca do Testamento, necessitar-se-ia um volume inteiro para desempenhá-lo dignamente. Toda a Igreja universal e todas as regiões do mundo cristão têm reconhecido e experimentado o patrocínio de Maria desde o princípio que começou a estabelecer-se entre os homens a religião sacrossanta de seu Filho. Mas entre todas as nações do mundo, assim como desde o princípio tem merecido a Espanha a esta grande Rainha uma predileção singular, assim também tem manifestado com ela seu patrocínio em muitos casos que, pelo número e pela substância, são verdadeiramente prodigiosos. Eles fizeram que os espanhóis despertassem finalmente do letargo em que estiveram adormecidos por tantos séculos, sem pensar em dedicar à santíssima Maria uma festividade em que reconhecessem sua proteção e lhe tributassem por ela as devidas graças. Estes sucessos, como tão oportunos para lembrar aos espanhóis as antigas piedades de Maria e confirmá-los ao mesmo tempo na devoção a esta Senhora, merecem ser referidos; mas sua multidão assombrosa nos faz cingir à narração de um ou outro caso, que bastará a produzir nos fiéis os mesmos efeitos. Quando a Espanha acabava de ser ocupada pelos mouros; quando sua desolação e sua miséria haviam chegado ao maior extremo; quando o Onipotente, enfim, fez ver o ódio com que olha os pecados do mundo e quão terrível coisa é cair em suas mãos, então experimentou a Espanha um daqueles rasgos incomparáveis da proteção de Maria. Havia-se retirado o valoroso D. Pelágio a uma cova das montanhas das Astúrias com mil infantes, triste resto de todo o poder da monarquia espanhola, mas em que se entesourava o princípio de sua restauração; e, vendo-os em tão curto número e incapazes no natural de resistir à numerosa turba de bárbaros, foi o arcebispo D. Oppas a persuadir-lhes que o entregar-se pacificamente aos mouros seria o único meio de salvar as vidas. O valoroso caudilho dos Cristãos conhecia muito bem a debilidade de suas forças em comparação das imensas que traziam os inimigos do nome cristão; mas, confiado no patrocínio de Maria, deu uma resposta digna de seu heroísmo. «Bem sei», disse, «que, olhadas as forças naturais, são insuficientes as que tenho para resistir aos inimigos de Jesus Cristo; mas com a proteção de Maria espero não somente salvar minha vida e a dos que estão comigo, mas também restaurar o reino dos godos.» A semelhante resposta responderam os mouros com todo gênero de hostilidades. Uma nuvem de pedras e de setas inundou a boca da cova em que estavam os Cristãos recolhidos implorando o patrocínio da Rainha dos Anjos, que não lhes faltou em tão iminente perigo; porque todas as setas e pedras que os mouros disparavam voltavam contra eles com muito maior ímpeto. Logo que advertiram o estrago e que este era causado por uma virtude superior, puseram-se em precipitada fuga: então os Cristãos, saindo da cova, carregaram sobre eles com tanto denodo e bizarria que ficaram mais de vinte mil mortos no campo de batalha; e, ao passar do Monte Fusena ao campo Libanense, outros sessenta mil, desmoronou-se um monte vizinho e padeceram os funestos efeitos de ruína tão espantosa. Esta vitória alcançada pelo patrocínio de Maria foi o princípio da restauração da Espanha, e em memória sua se dedicou aquela cova ao culto da Mãe de Deus, chamando-se depois Santa Maria de Covadonga.

Todas quantas vitórias alcançou o santo rei D. Fernando III no discurso de trinta e cinco anos que teve guerra com os mouros até lograr fazê-los tributários foram devidas ao patrocínio de Maria, como o mesmo santo Rei confessava. Maria santíssima se alistava em seus exércitos como sua diretora e capitã e, nas marchas e nas batalhas, fazia o Rei levar diversas imagens da Mãe de Deus que a um mesmo tempo dessem ânimo e valor a seus soldados e terror aos inimigos. Era nesta devoção tão extremado que até no arção da sela do cavalo que montava havia feito colocar uma

imagem de Maria, não podendo sua devoção sofrer que no ardor das batalhas não tivessem seus olhos presente a imagem daquele doce objeto de cujo patrocínio esperava a vitória. Foi nisto tão feliz que em tantas batalhas como deu sempre saiu vitorioso, sem que jamais se verificasse que o vencessem seus inimigos. Em reconhecimento ao patrocínio que havia experimentado sempre da Rainha dos Anjos, dispôs, quando conquistou Sevilha, que esta Senhora entrasse a tomar posse da cidade num magnífico triunfo que dispôs para este efeito. Da mesma maneira entrou em Constantinopla o imperador João Comneno, levando num carro triunfal, feito de prata e adornado de muitas pedras preciosas, a imagem de Maria santíssima, a cujo patrocínio atribuía justíssimamente as muitas vitórias que havia conseguido e a conservação de todo o seu império. Mas, voltando a nossa Espanha, sem mencionar a vitória do Salado, em que Afonso XI matou duzentos mil mouros e cativou outros infinitos, sem que houvessem faltado mais que vinte cristãos; sem contar os triunfos de Afonso I, rei de Portugal; os de D. João II, rei de Castela; os de Ramiro II, rei de Leão, em que dois Anjos, enviados por Maria santíssima, venceram duzentos mil mouros; nem os de Fernando o Católico, que trazia sempre consigo nas batalhas a imagem de Maria e com ela entrou triunfante em Granada, dando-lhe o título da Vitória; só a famosa batalha de Lepanto basta para fazer ver aos espanhóis até onde tem chegado a proteção desta Senhora e quanto está obrigada para com ela sua gratidão. Governava a Igreja o santo papa Pio V quando, orgulhoso Selim II com as inumeráveis vitórias que havia alcançado contra os Cristãos seu pai Solimão, conquistando Belgrado, a ilha de Rodes, muitas praças da Hungria e da Áustria, roubando, saqueando e fazendo cruéis carnificinas, pensava em destruir toda a cristandade, arruinar seus templos, matar seus sacerdotes e colocar a meia-lua otomana nos lugares que tão justamente ocupava a santa Cruz. Dispôs para isto uma armada a mais formidável que se havia visto jamais; e, confiando em suas forças, parecia-lhe ter já sob o fio de seu sabre todas as gargantas dos Cristãos. Viam estes com lágrimas em seus olhos sua próxima ruína, singularmente o Santo Padre e o católico e prudente rei da Espanha D. Filipe II; mas, confiando em Deus, que não desampara jamais os que o buscam, aprestaram-se para sair ao encontro do bárbaro desumano. Confia sua armada, inferior em forças, ao infante D. João de Áustria e a Marco Antônio Colonna; mas muito mais ao patrocínio de Maria, colocando em cada nau sua augusta imagem. Partiram à empresa, ficando o santo Pontífice e toda a Igreja clamando a Deus e pedindo-lhe misericórdia: não se fez neste tempo outra coisa que ordenar procissões em que se cantava o santo Rosário, confiando em Deus e em Maria santíssima que com esta preciosa arma se havia de vencer a todos os inimigos da Igreja. Entretanto chegou o decisivo dia, que foi o 7 de outubro. Avistaram-se as armadas: gritaram os turcos ansiosos de beber o sangue dos Cristãos: prepararam-se estes à peleja adorando a imagem de um Crucifixo que ia na bandeira do Papa e, clamando a Maria santíssima, travou-se uma sangrenta e horrorosa batalha: três horas durou o combate sem decidir-se a vitória, até que, confiando em Maria santíssima, carregaram os Cristãos tão de recio na capitânia turca que mataram seu capitão Ali Paxá: clamaram vitória, vitória, e a conseguiram os Cristãos tão completa que não se conta outra nem mais rica nem mais vantajosa, pois mataram mais de trinta mil turcos, ficando por largo espaço a água daquela parte de mar tinta de sangue; apresaram cento e trinta galeras, lançaram a pique mais de trinta e resgataram mais de vinte mil cristãos cativos.

Seria pretender esgotar as águas ao mar o querer referir minuciosamente os feitos particulares que acreditam o singular patrocínio que em todos os tempos tem experimentado a Espanha das piedades da Mãe de Deus. Eles são tantos e tais que apenas tem havido monarca na Península que não os tenha presenciado muitas vezes, nem ocasião de necessidade ou tribulação grande em que

não se haja feito sensível seu socorro. Se os inimigos têm pretendido usurpar nossas terras e possessões; se se têm entrado por nossas campanhas assolando quanto encontravam, destruindo as povoações e reduzindo suas gentes a miserável servidão; se o céu endurecido tem negado a nossas terras a chuva nos tempos oportunos; se a enfermidade, a fome ou a peste tem começado alguma vez a exercer contra nós as justas vinganças do céu, Maria tem sido nosso escudo, nosso antemural, nossa defesa: a Mãe de misericórdia que tem intercedido por nós: nossa advogada: enfim, nossa protetora, com cujo favor e patrocínio se têm dissipado nossos males, se têm arredado nossos inimigos, se têm contido nossas aflições, se têm atalhado nossas enfermidades, se têm enxugado nossas lágrimas e se nos têm aberto as portas da esperança e do consolo. Sem embargo disto, será crível que até o reinado de Filipe IV tenha estado a Espanha desfrutando todas estas graças sem pensar em reconhecer com alguma demonstração pública o patrocínio de Maria? Assim é: este generoso Príncipe percorreu em sua memória os séculos desta monarquia e viu que em todos eles havia suficientes feitos para formar uma história particular dos favores da Mãe de Deus. Viu que por sua mediação e patrocínio se havia ido recuperando a Espanha da tirânica dominação dos mouros; que a ela se devia principalmente o que, entre tantas misérias como havia padecido este reino, nunca tivesse sofrido a mais terrível de todas, que é ver-se privada da verdadeira fé de Jesus Cristo. Via que os reis seus predecessores haviam conseguido infinitos triunfos em dias dedicados à veneração e culto desta Senhora; e outros com sinais tão manifestos de ser obra de sua piedade que não se podia fazer desentendido o coração mais ingrato. Sua própria experiência, sobretudo, o estimulava de uma maneira tão poderosa que o resistir teria sido mais bem protervia que insensibilidade. E, como via por tantas partes ameaçado seu trono, de maneira que aos olhos da prudência humana quase parecia inevitável sua ruína, pensou prudente e piedoso afiançar sua coroa e cetro naquela por quem reinam os reis e estabelecem o justo os legisladores.

Com este desígnio solicitou da santidade de Alexandre VII que expedisse uma bula pela qual se estabelecesse perpetuamente na Espanha uma festa dedicada ao patrocínio de Maria, a qual fosse a um mesmo tempo um testemunho da gratidão dos espanhóis e um novo motivo para obrigar de certa maneira a Mãe de piedades a continuar sua proteção. Umas súplicas tão justas não podiam deixar de obter do Vigário de Jesus Cristo e pai universal dos fiéis todo o efeito desejado. Por bula dada em Roma a 28 de julho de 1656, concedeu Alexandre VII que se celebrasse em todos os domínios da Espanha, pelo clero secular e regular, uma festa a Maria santíssima com o título de Patrocínio; e, para aumentar a devoção dos fiéis e promover a saúde das almas com os celestiais tesouros da Igreja, movido de piedosa caridade, concedeu misericordiosamente no Senhor indulgência plenária e remissão de todos os seus pecados a todos os fiéis de um e outro sexo que, verdadeiramente contritos, confessassem e comungassem no dia do Patrocínio, assistindo à missa maior e rogando a Deus pela paz entre os príncipes cristãos, que extirpe as heresias e exalte a santa mãe Igreja. Estas graças têm sido tão poderosas para estimular a devoção dos fiéis que hoje é uma das festividades da Virgem que se celebra com maior solenidade, e sob esta advocação se têm instituído devotas confrarias que dirigem a Deus seus votos sob os auspícios de sua Mãe virgem.

Esta festividade (que por decreto de Bento XIII se estendeu a toda a cristandade, diz o sábio pontífice Bento XIV) estriba num princípio católico e de fé; a saber: que Maria santíssima intercede por nós fazendo oração nos céus a seu filho Jesus Cristo. Por conseguinte este patrocínio será tanto

mais eficaz e poderoso quanto maiores sejam as razões para que sejam ouvidas suas súplicas. É constante sentença dos Padres e teólogos que a circunstância de Mãe de Deus inclui em si uma dignidade e excelência tão sumamente grandes que não duvidam dar-lhe o epíteto de infinitas, ainda que com certa restrição. O ser Mãe de Deus a constitui num estado de grandeza pelo qual nem há graça que lhe seja impossível, nem perigo, necessidade ou aflição que lhe sejam insuperáveis. Por ser Mãe de Deus se atrevem os Santos a chamá-la Mãe de misericórdia, Medianeira dos pecadores, reparadora do mundo, redentora dos cativos e única razão de toda a nossa esperança. Não se pode duvidar que em tudo isto procedem os Padres com suma razão e que com a mesma a autoriza a Igreja; porque, ainda que é verdade que Jesus Cristo é o único Salvador nosso e nosso Redentor, e o único que deu seu sangue por preço de nossa saúde, com tudo isso quis, como verdadeiro filho de Maria, dar-lhe parte nesta grande obra, para o que havia muitas e muito poderosas razões. A primeira, porque em suas puríssimas entranhas foi formado de seu sangue aquele corpo santíssimo a que se uniu o divino Verbo e por cujo meio obrou a saúde no meio da terra. A segunda, porque Maria santíssima pariu e alimentou com o puríssimo néctar de seus peitos o Cordeiro imaculado que havia de servir de vítima ao eterno Pai pelos pecados do mundo. A terceira, porque Jesus Cristo era seu, possuía-o com legítimo direito, havia-o recebido do Pai, havia-o resgatado no templo com seu dinheiro, e a todas as suas ações e obras lhe competia o direito que têm as mães a respeito de seus filhos. A quarta, porque consentiu na morte de seu filho, necessária para obedecer ao eterno Pai, resgatar o gênero humano da servidão antiga, pois não é crível que para um assunto tão doloroso como entregar à morte o corpo de seu Filho não se solicitasse seu consentimento, quando o Espírito Santo não passou a formá-lo em suas entranhas sem obter primeiro sua anuência por meio de uma embaixada solene, que a levou o arcanjo São Gabriel. A quinta, enfim, porque, estando ao pé da cruz, sentindo em seu coração o mesmo que Jesus Cristo em seus membros, ofereceu ao eterno Pai o sacrifício de seu Filho, fazendo nesta ocasião o ofício de sacerdote e pondo-se por medianeira e protetora entre Deus e os homens.

Todas estas razões e outras infinitas que fazem conhecer a grandeza do patrocínio de Maria estão tão repetidas nos santos Padres que seria necessário copiar grande parte de seus escritos se quiséssemos referir seus testemunhos. São Jerônimo, tratando da Assunção de Maria, diz assim: «Veneramos a Autora da saúde, a qual, concebendo seu Autor por virtude do céu, nos deu um Redentor que nos libertasse da tirania do diabo na terra.» E em outra parte (*Ad Eustochium*): «Não há dúvida de que quanto se tributa a Maria tudo cede em louvor de Cristo.» «Sabemos (diz Santo Anselmo, *De concept. Virg.*) que a bem-aventurada Virgem tem tanto mérito e graça para com Deus que não pode deixar de fazer-se quanto ordenar sua vontade; porque toda a potestade no céu e na terra lhe foi concedida; nada lhe é impossível àquela a quem é possível fazer que os desesperados voltem a conceber sólidas e verdadeiras esperanças de sua saúde eterna.» Com estas mesmas sentenças está conforme em tudo o dulcíssimo Padre São Bernardo, cujas palavras, tratando de Maria, têm um não sei que de energia e de doçura que a um mesmo tempo embelezam e edificam: «Busquemos a graça (diz no sermão da Natividade), e busquemo-la por meio de Maria; porque esta Senhora acha sempre o que busca, nem podem jamais ser frustradas suas diligências.» «Temos (diz em outra parte, *Serm. 1 de Assump.*) uma advogada que está no céu com antelação, a qual, como Mãe do Juiz e Mãe de misericórdia, trata com a maior eficácia os negócios de nossa saúde.» «Filhos meus, esta é a escada por onde sobem ao céu os pecadores. (*Serm. de Aquæ ductu.*) Esta é toda a minha grande confiança, e esta toda a razão porque espero ser salvo.» Por coroa dos ditos e sentenças dos santos Padres, em que se exalta o patrocínio de

Maria, poremos aqui a antiga oração com que a implora nossa mãe a Igreja, tomada do grande Padre Santo Agostinho, a qual serve a um mesmo tempo para conhecer sua grandeza e para saber o método com que se devem dirigir a Maria santíssima as orações, como diz Bento XIV, liv. 2, *De festivit.*, cap. 15, n. 5.

No *Serm. 18 de Sanctis* diz aquele santo Padre assim: «Ó bem-aventurada Virgem Maria, quem poderá dar-te as graças e louvores devidos por teres socorrido o mundo que jazia numa miserável perdição, só com dar teu consentimento? Que elogios, que louvores pode tributar-te a debilidade do gênero humano, que só por ti e em ti pôde encontrar uma porta por onde entrar à recuperação de suas perdas? Recebe, pois, nossas humildes e rendidas graças, ainda que desprezíveis por nossa baixeza e desiguais a teus grandes méritos; e, quando te dignares de receber nossos votos, escusa nossas culpas nas orações que fizeres a teu Filho. Recebe nossas súplicas no sacrário de tua audiência e alcança-nos o antídoto da reconciliação. Seja escusável por ti a súplica que só a fazemos por tua confiança, e faze que alcancemos o que pedimos cheios de fé viva. Recebe, Senhora, o que te oferecemos, dá-nos o que te pedimos e aparta de nós o que tememos, porque tu és a esperança única dos pecadores. Por ti esperamos o perdão de nossos delitos, e em ti, ó bem-aventurada, está a esperança de nossos prêmios. Socorre, ó santa Maria, aos miseráveis, dá favor aos apoucados, fomenta os dignos de lástima, roga pelo povo, sê medianeira pelo clero e intercede pelo devoto sexo feminino. Sintam teu patrocínio todos aqueles que celebram tua memória. Está sempre prevenida para ouvir os votos dos que te dirigem suas petições e consola-os dando-lhes o efeito desejado. Sejam todos os teus cuidados e esmeros o orar continuamente pelo povo de Deus; tu, ó Virgem bendita, que mereceste levar em teu ventre o Redentor do mundo, que vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.»

Missa (oração)

A missa é a votiva de Nossa Senhora, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Concede nos famulos tuos, quæsumus, Domine Deus, perpetua mentis et corporis sanitate gaudere, et gloriosa beatæ Mariæ semper Virginis intercessione, a præsenti liberari tristitia, et æterna perfrui lætitia. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus e Senhor, concedei-nos, rogamo-vos, que nós, vossos servos, nos alegremos com a perpétua sanidade de corpo e alma e que, pela gloriosa intercessão da bem-aventurada sempre Virgem Maria, sejamos livres da tristeza presente e cheguemos a gozar das alegrias eternas. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 24 do Eclesiástico.

Eclesiástico 24,14-16

> **Latim:** [14] Ab initio et ante sæcula creata sum, et usque ad futurum sæculum non desinam : et in habitatione sancta coram ipso ministravi. [15] Et sic in Sion firmata sum, et in civitate sanctificata similiter requievi, et in Jerusalem potestas mea. [16] Et radicavi in populo honorificato, et in parte Dei mei hæreditas illius, et in plenitudine sanctorum detentio mea.

Português: [14] Eu fui criada desde o princípio, e antes dos séculos, e não deixarei de ser em toda a sucessão das idades, e exercitei diante dêle o meu ministério na morada santa. [15] E fui assim firmada em Sião, e repousei igualmente na cidade santificada, e em Jerusalém está o meu poder. [16] E me vim a arraigar num povo honrado, e nesta porção do meu Deus que é a sua herança, e na plenitude dos santos, onde se acha a minha assistência.

Reflexões

Todas as expressões da Epístola deste dia convêm literalmente à Sabedoria incriada; mas nossa mãe a Igreja as aplica com muita razão a Maria santíssima, de cuja dignidade e excelência tem formado um conceito tão vantajoso. Se em alguma festividade se podem trasladar a esta ditosa criatura sentenças que o Espírito divino aplicou ao Filho do eterno Pai, em nenhuma com mais razão que na que se celebra seu Patrocínio. Nesta festividade se faz gloriosa menção de todas as prerrogativas e grandezas de Maria, de suas virtudes sublimes e de suas graças, porque destas nasce a proteção que dispensa aos homens e nelas descansa a esperança que têm estes de conseguir por seu meio benefícios. Assim que celebrar o Patrocínio de Maria é celebrar o imenso poder que tem esta soberana Rainha sobre todas as criaturas visíveis e invisíveis: é celebrar aquela potestade que lhe deu seu Filho para deter a virtude das causas naturais quando fossem nocivas às criaturas e converter em seu proveito as que lhes pudessem ser danosas. Celebrar o Patrocínio de Maria é celebrar aquela caridade ardentíssima com que olha a todos os mortais, amando-os não somente como feituras de seu Filho e como remidos com seu preciosíssimo sangue, mas também como filhos próprios seus, como membros da Igreja e como participantes que hão de ser das soberanas promessas que Jesus Cristo nos tem feito. Celebrar o Patrocínio de Maria é celebrar aquela doçura de alma, aquela compaixão ternissima com que se lastima de todos os miseráveis, agora provenham suas misérias dos acidentes da vida, ou bem provenham de suas próprias culpas. Numa palavra, não há em Maria santíssima virtude, graça, dom, prenda, carisma que não se celebre nesta festividade, que não seja um terno objeto da devoção dos fiéis e um poderoso motivo de excitar mais e mais sua gratidão.

À vista disto, em nenhuma outra festividade pode dizer melhor Maria santíssima para consolo dos fiéis: *Desde o princípio e antes dos séculos fui criada, e permanecerei até o século futuro.* Nestas palavras se denota a antiguidade de sua proteção e como a sua existência não hão de pôr limite os tempos. Desde o instante primeiro de sua concepção começou a proteger a linhagem humana. Deus derramou sobre ela naquele instante uma imensa torrente de graças, e todas elas não foram depositadas em Maria senão como num canal ou garganta por onde passassem a seu destino. Em todo o discurso de sua preciosa vida continuou esta mesma conduta e, desde que foi levada entre coros de Anjos aos céus, tem-se esmerado muito mais em derramar graças sobre os homens. Que bens desfrutam os mortais que não lhes venham de Maria? Principalmente a imensidade de bens celestiais e divinos de que desfruta a santa mãe Igreja não provêm deste mar de bens, desta universal congregação de graças? A extirpação das heresias, a confutação dos erros, o acerto dos concílios, a tranquilidade da Igreja, o respeito e honra de sua cabeça visível, tudo nos vem daquela que tem em sua mão os tesouros das misericórdias de Deus, como diz São Pedro Damião. Por isso pode repetir com alegria na presente festividade: *Fui estabelecida com firmeza em Sião, e do mesmo modo descansei na cidade santificada, e meu poder se manifesta em Jerusalém.* Poderias, ó cristão, fingir tu mesmo disposições mais favoráveis a tua eterna ventura que as que sem necessitar de ti para nada tem feito por ti a divina Providência? Poderias tu imaginar que no meio de tua miséria, de tua pouquidade e abatimento havias de ter em tua mão todos os tesouros da Onipotência tendo a proteção de Maria? Dá a Deus humildíssimas graças por tamanho benefício e sejam tuas obras o testemunho mais autêntico de teu reconhecimento.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Lucas.

Lucas 11,27-28

> **Latim:** 27 Factum est autem, cum hæc diceret : extollens vocem quædam mulier de turba dixit illi : Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti. 28 At ille dixit : Quinimmo beati, qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.

Português: 27 E aconteceu, que dizendo elle estas palavras: huma mulher levantando a voz do meio do povo lhe disse: Bemaventurado o ventre, que te trouxe, e os peitos a que foste criado. 28 Mas elle respondeo: Antes bem-aventurados aquelles que ouvem a palavra de Deos, e a põem por obra.

Meditação

Sobre o título de Mãe que damos a Maria santíssima

Primeiro ponto

Considera que o título de Mãe que damos a Maria santíssima nos eleva a uma dignidade tão grande que de certa maneira nos dá direito à glória.

Ainda que é seguro que nas sagradas Letras não há testemunho algum claro e terminante que dê aos filhos de Maria santíssima o direito referido, com tudo isso há certas considerações piedosas que o convencem, particularmente para com aqueles em quem a filosofia mundana não tem chegado a usurpar-se os direitos da cristã sabedoria. Desde logo, pelo título de Mãe que tributamos a esta soberana Rainha e que com tanta justiça mereceu ao pé da cruz, adquirimos um direito a todos os seus bens, a todas as suas graças e a todos os seus privilégios. Sendo, pois, Maria Rainha dos céus e da terra, sendo Senhora da glória e dos Anjos, como poderemos deixar de ter seus filhos um direito legítimo a todos estes bens? Além de que, segundo a sentença de muitos doutores, quando Maria santíssima esteve ao pé da cruz, concorreu com seu Filho santíssimo à produção espiritual de todos os eleitos, aos quais pariu ali sua alma com as dores mais acerbas que sofreu jamais mulher alguma. Acrescenta-se a isto que, ao dizer Jesus Cristo a sua Mãe, assinalando a São João: *Eis aí teu filho*; e a São João, assinalando à Virgem: *Eis aí tua mãe*, deu-nos a todos uma filiação verdadeira a respeito de Maria; porque na pessoa de São João se representavam todos os Cristãos, a quem a Senhora recebeu desde aquele ponto por seus filhos. Que muito, pois, que nos gloriemos de ter semelhante Mãe e que desta glória deduzamos consequências tão favoráveis para nós? Será possível que Maria santíssima olhe com desdém ou desprezo os que são irmãos de Jesus Cristo? Será possível que não lhes franqueie todas as graças imagináveis para que não chegue a verificar-se que o demônio tem em suas cadeias um irmão daquele que desde a cruz lhe tirou o domínio do mundo e um filho daquela que quebrantou a cabeça à serpente antiga? Tudo isto é assim; mas ao mesmo tempo deves considerar que Jesus Cristo não entregou sua Mãe senão ao discípulo mais amado, e que ao cúmulo de todas as virtudes juntava a singular prerrogativa da virgindade. Isto quer dizer que não deves gloriar-te de ter por mãe a Maria enquanto em tuas obras não manifestes uma pureza que te faça digno do título de filho. Em consideração a este pensamento há alguns expositores que defendem que na pessoa de São João se figuravam os predestinados, aqueles que com a inocência de costumes fazem certa sua eleição e vocação. De qualquer maneira que seja, no civil adverte-se que, para gloriar-se da nobreza da linhagem, procuram os homens não desmentir em suas obras as virtudes e heroicidades de seus antepassados; pois com muito mais razão na ordem da graça deves manifestar em tuas ações um digno filho de Maria.

Segundo ponto

Considera que o título de Mãe põe Maria santíssima em certa obrigação de favorecer os Cristãos: que esta obrigação a cumpre exatíssimamente em todas as circunstâncias da vida, mas com singularidade na hora da morte.

No capítulo 49 de Isaías se diz, ponderando o amor que têm as mães a seus filhos: *Porventura será possível que se esqueça uma mãe de seu filho e que não tenha misericórdia do que engendrou em seu ventre?* Da mesma maneira podemos dizer de Maria: será possível que, sendo Mãe nossa e nós seus filhos, possa esquecer-se jamais destas favoráveis circunstâncias para dispensar-nos seus favores? Nestas palavras se inclui uma negação enfática, que quer dizer que seria mais fácil que se juntasse o céu com a terra que o que Maria santíssima deixasse de manifestar conosco seu patrocínio em todas as circunstâncias da vida. Estende os olhos por todas as tuas necessidades, tanto espirituais como corporais: consulta tua mesma experiência e acharás que nem vives, nem respiras, nem subsistes senão sob o patrocínio de Maria. Quantas vezes terias perdido a vida entre as travessuras e inconsiderações da infância se esta Senhora não tivesse manifestado ser tua mãe velando solícita sobre todos os teus perigos! Quantas vezes, rodeado por todas as partes de maus exemplos, instigado do demônio e tentado de tua mesma concupiscência, terias caído nos mais feios e abomináveis delitos se Maria santíssima não te tivesse contido com o interesse de mãe! Não o duvides, cristão: Maria santíssima cuida de tua honra, estima tua vida, procura teus interesses e felicidade como que tu és seu filho e ela é tua mãe. Esta verdade, que a persuade a razão, que a pregam as Escrituras e que a autoriza o mesmo Deus, confirma-se vigorosamente com tua mesma experiência. Traze à memória neste instante as enfermidades que tiveste em tua vida, os perigos de perecer em que te viste, as perseguições que te prepararam teus inimigos e em que tiveram de ir-se a pique tua honra e tua fortuna; e acharás que Maria santíssima te livrou de tudo, pôs-te a salvo, exercitou contigo seu patrocínio e se portou como uma verdadeira mãe. Mas tudo isto é nada em comparação do singular amor e esmero com que nos protege aos Cristãos na hora da morte: naquela hora terrível em que crescem nossas necessidades na proporção em que se aumentam as maldades e astúcias do comum inimigo para perder-nos. Maria santíssima, como aurora brilhante, dissipa naquele ponto todas as névoas com que pretende ofuscar-nos nossa consciência mal segura por uma parte e por outra o demônio que intenta induzir-nos ao desespero. Nem como era possível que obrasse de outra maneira uma mãe amorosíssima quando vê seus filhos no maior perigo? Então é quando manifesta a seu Filho, rogando pelos pecadores, aquele sagrado ventre em que esteve nove meses e aqueles castíssimos peitos com que se alimentou sua vida mortal. Então é quando representa a seu Filho a paixão e morte que padeceu pelos homens e as terríveis dores que ela sofreu ao pé da cruz para movê-lo a misericórdia. Goza-te, ó cristão, com ventura tão inefável e, já que és filho de Maria, põe-na com tuas ações na feliz necessidade de que manifeste contigo que é tua mãe.

Jaculatórias

Sirvamos sempre a uma rainha como Maria santíssima, que nunca desamparou os que puseram nela suas esperanças. (Ven. Beda, *Homil. de S. Marc.*)

Deus meu, eu sou teu servo e ao mesmo tempo filho da que se confessou tua escrava quando a elegeste por Mãe. (Sl 115.)

Propósitos

1. Em poucas coisas se necessita tanto cuidado e delicadeza para precaver-se de funestas consequências como na devoção que se tem a Maria santíssima e no modo de praticá-la. Hoje em dia tem chegado a fazer-se tão universal, tão comum e tão sumamente praticada esta devoção que se faz preciso avisar aos fiéis que numa coisa tão santa podem padecer graves riscos. Mas estes não nascem da devoção mesma, que por si, por seus princípios e por seu objeto é santa, piedosa, frutuosíssima e dos recursos mais poderosos que tem um cristão para alcançar sua salvação; nascem da natureza mesma dos homens, levada por si mesma ao excesso e afeiçoada a lograr grandes empresas a pouca custa. Daqui nasce a vã confiança, e daqui se origina também uma multidão de defeitos que fazem as devoções não somente infrutíferas, mas muitas vezes danosas. Portanto, devemos procurar o patrocínio de Maria sem esquecer aquela sentença que nos manda obrar nossa saúde com temor e tremor. (Fl 2.) É impossível que agrade à Mãe de Deus o que desagrada a seu Filho, e seria uma temeridade com visos de blasfêmia o pretender que a Mãe da justiça imutável patrocinasse e protegesse os injustos transgressores da lei santa de Deus; e o persuadir-se de que uma submissão exterior, uns aparentes sinais de devoção fossem capazes de fazer que Maria favorecesse com seu patrocínio ao adúltero, ao lascivo, ao murmurador, numa palavra, ao escravo dos delitos.

2. Nossa mãe a Igreja, aplicando a Maria santíssima aquelas palavras do Eclesiástico (cap. 24): *Eu sou Mãe do belo amor, e do temor, e do conhecimento, e da santa esperança*, insinua as condições que deve ter a devoção de Maria para que seja agradável a esta Senhora e ao mesmo tempo proveitosa ao cristão. O amor se deve juntar com a reverência e com o conhecimento; e a esperança deve ir acompanhada do temor. Devemos amar a Maria como a mãe do amor, tributar-lhe nossos obséquios como a mãe da justiça, dar-lhe culto e reverenciá-la como a mãe da sabedoria e do conhecimento e implorar seu patrocínio como de uma mãe de santa esperança. Nossas súplicas devem dirigir-se principalmente a que nos alcance de seu Filho graças para arrepender-nos de nossa vida passada, para fazer uma conversão verdadeira e para imitá-la nas virtudes; de tal modo que mereçamos vê-la no céu como mãe de glória. Com esta instrução podemos clamar a esta soberana Rainha, dizendo-lhe: «Ó mãe de misericórdia! Quando olho o fundo de meu coração e o vejo cheio das feias paixões que me arrastam, tremo com a persuasão de que a divina Justiça me ameaça continuamente com minha condenação eterna; mas, quando levanto os olhos a ti e considero que és minha mãe e mãe de misericórdia, respira minha alma e espero salvar-me; porque, se tu intercedes por mim, como poderá condenar-me teu Filho e meu Senhor Jesus Cristo? Porventura poderá fazer-se desentendido aos rogos e súplicas de sua Mãe? Negará suas graças a quem Vós concedeis vossas misericórdias? Em ti, pois, Senhora, coloco toda a minha confiança. A vosso Filho o olho como Redentor meu, como meu pai e advogado, pronto a conceder-me sua misericórdia; mas ao mesmo tempo vejo nele uma justiça infinita, e meus pecados me fazem estremecer. Em Vós, Mãe minha, tudo é piedade, tudo é misericórdia, tudo é doçura. Meus pecados, longe de excitar vossas iras, movem para mim vossa compaixão; e eis aqui a causa de que por muitos que sejam meus delitos sempre confiarei em vosso patrocínio e sempre vos olharei como Mãe da santa esperança.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:53 by Admin

Updated 20 November 2026 20:54:53 by Admin